



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - POSGRAP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - NPGEO



“30 ANOS DE CONTRIBUIÇÃO À GEOGRAFIA”

São Cristóvão, 29 e 30 de Agosto de 2013.

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO DAS AGROVILAS NO POLÓ IRRIGADO PETROLINA/JUZEIRO: UMA ANÁLISE DE SUA FUNCIONALIDADE NAS NOVAS RELAÇÕES SOCIAIS DE PRODUÇÃO NO CAMPO.

Renata Sibéria de Oliveira

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia

Universidade Federal de Sergipe.

Grupo de Pesquisa Relação Sociedade Natureza e

Produção do Espaço Geográfico – PROGEO

E-mail: renatasiberia01@hotmail.com

Josefa de Lisboa Santos

Orientador e professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia – NPGEO/UFS

Grupo de Pesquisa Sociedade Natureza e Produção do Espaço Geográfico – PROGEO

E-mail: josefalisboa@uol.com.br

Introdução

A atual conformação do espaço agrário brasileiro é resultado de diferentes processos históricos pelos quais o país passou e está intimamente ligada ao modelo econômico adotado pelos países que aqui se estabeleceram. Esta pesquisa propõe realizar um estudo a cerca da funcionalidade das agrovilas de pequenos produtores nas áreas de perímetros públicos irrigados do Polo Petrolina/Juazeiro. Por meio de uma análise das interações entre o campo e a cidade, buscando compreender a produção das relações sócioespaciais a partir das políticas públicas implementadas nestas áreas.

Na região Nordeste do Brasil as mudanças mais significativas no espaço agrário se deram a partir da década de 1960, quando tomou corpo no país uma nova estratégia de modernização, cujos reflexos no setor agrícola traduziram-se na consolidação do modelo de complexos agroindustriais ou de agronegócio. A crescente participação da produção agrícola da região na economia globalizada gerou profundas transformações espaciais e suscitou o debate em torno das definições sobre até onde vai o campo e a cidade no contexto das novas relações sociais de produção a partir da inserção do capital industrial no campo.

A divisão socioespacial do trabalho existe desde a antiguidade, e surgiu através das condições políticas e sociais que deram origem a adiversidade entre o rural e o urbano. Portanto, a história da divisão do trabalho, segundo sua natureza e pelo espaço onde eram exercidos diferentes papéis, conduzia a um contínuo desenvolvimento das formas de produção da existência do homem (EDLICH, 2006, p. 11).

Na perspectiva de SPÓSITO (2006) a unidade espacial urbana cedeu lugar ao binômio urbano/rural no decorrer do longo processo de urbanização, o que resultou na incapacidade de distinguir onde acaba a cidade e começa o campo. Para a utora, as formas confundem-se porque as relações se intensificam e os limites entres os dois torna-se imprecisos, o que favorece o pensamento de uma nova unidade territorial contendo, contraditoriamente, os dois espaços que são resultado e condição das formas de produção territorial.

Assim, ao reconhecer um contínuo cidade/campo não significa atestar o desaparecimento da cidade e do campo como unidades espaciais distintas, mas apresentar a constituição de áreas de transição e contato entre esses espaços que se caracterizam pelo compartilhamento no mesmo território, de uso de solo, de práticas sócioespaciais e de interesse político e econômico associados ao mundo rural e urbano (Ibid)

Em sua obra *O direito a cidade*, Lefebvre (2001, p. 75), explica que a superação da divisão entre cidade e campo não deve ser confundida com o desaparecimento dessas unidades espaciais, mas que a superação está ligada as relações de produção, pois não consiste num processo em que o campo se perde no seio da cidade nem a cidade absorve o campo e se perde nele “não há nenhuma razão teórica para se admitir o desaparecimento de uma centralização no decorrer de uma fusão de uma sociedade urbana com campo”.

Lefebvre (ibid) elucida ainda que é a redefinição de formas e conteúdos que importa na maneira com a cidade e o campo devem ser analisados, para tanto, faz-se necessário estabelecer uma distinsão entre cidade e urbano para refutar a sua análise do não desaparecimento destas unidades espaciais.

As agrovilas se espacializam a mediada em que novos perímetros irrigados são implementados, nestes espaços configura-se a produção de relações urbanas e reprodução dos problemas dos grandes centros urbanos, exigindo por parte dos estudiosos uma maior atenção no sentido de buscar compreender os novos papéis destas agrovilas frente a territorialização e monopolização do capital no campo.

Metodologia

Para a viabilização das análises, com o intuito de elaboração de alicerce teórico-conceitual que permita uma visão mais ampla sobre o tema em questão, estão sendo utilizados como metodologia pesquisa bibliográfica e de campo, estruturados a partir de entrevistas, levantamento documental e fotográfico em órgãos responsáveis pela gestão da área. Neste ínterim, a escolha do método dialético como instrumento de análise possibilitará a apreensão da totalidade das relações, constituindo em uma importante ferramenta na compreensão das complexas relações que se estabelecem no movimento de produção do espaço geográfico. Na interpretação de Moraes (2002) as formulações a respeito de uma dialética do espaço permite chegar a algumas concepções interessantes, como, por exemplo, a de ver as formas espaciais enquanto processos sociais no sentido de que os processos sociais são espaciais, assim, a relação teoria e prática permite organizar o pensamento para ação como práticas propositivas na sociedade.

Resultados

Desde meados da década de 1990, verifica-se no vale do São Francisco uma nova reestruturação produtiva voltada para conquista de mercados internacionais. Diante desse novo processo, cada vez mais, a produção para o autoconsumo e a produção simples de mercadorias são substituídas pela economia de mercado. Para ELIAS (2006) essa dinâmica é responsável pela territorialização do capital e a oligopolização do espaço agrícola e tem promovido profundos impactos socioespaciais no campo e na cidade.

Os processos de territorialidades redefiniu a funcionalidade das agrovilas implantadas nestes perímetros, que inicialmente se apresentava como área destinada aos colonos, hoje o crescimento destas áreas em número e em população remete a investigação de sua utilização pelo grande capital como espaço de concentração de mão de obra excedente para as grandes fazendas.

Os resultados preliminares mostram que as dinâmicas sócioespaciais destas agrovilas apresentam relações características dos espaços urbanos, assim como refletem/reproduzem seus problemas. Observamos um processo de crescimento desordenado e áreas de ocupações irregulares que não se dar acompanhado de políticas de necessidades básicas como água tratada, saneamento, educação, saúde e segurança. As políticas de implantação das agrovilas como parte integrante dos perímetros públicos irrigados fomentadas pelas CODEVASF

(Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba) objetivava a formação de espaços de concentração e reserva de trabalho excedente para a reprodução capitalista no território do agronegócio no Nordeste.

Entender a dinâmica de ocupação do espaço rural nas agrovilas com referência na compreensão das transformações ocorridas, possibilitará no entendimento da reprodução deste espaço em diversas escalas de análise, pois, o desenvolvimento, como uma melhoria na condição de vida das comunidades locais só poderá ser alcançado se as suas necessidades e expectativas, externalizadas pelas representações desses atores sociais, como atores produtores do espaço, forem consideradas no âmbito do projeto de desenvolvimento construído a partir desses sujeitos e não sobre esses.

Referências

ELIAS, Denise. *Agronegócio e desigualdades socioespaciais*. In: ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato. (org.). *Difusão do agronegócio e novas dinâmicas socioespaciais*. Banco do Nordeste do Brasil, Fortaleza, 2006.

ENDLICH, Ângela Maria. *Perspectiva sobre o urbano e o rural*. In: SPÓSITO, M.E &

LEFEBVRE, Henri. *O direito a cidade*. São Paulo, Centauro, 2001.

MORAES, Antônio Carlos Robert. *Território e história do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2002.

SPÓSITO, Maria da Encarnação. *A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade*. In: *Cidade e campo relações e contradições entre urbano e rural*. Org. SPÓSITO, M. da Encarnação Beltrão. WHITACKER, Arthur Magon. São Paulo, Expressão Popular, 2006.

Eixo de inscrição - Espaço Agrário.